

RELAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS: AS TRANSFORMAÇÕES HISTORICAMENTE DETERMINADAS

Maristela Gomes QUEIROZ¹
Nilza Aparecida TORRES²

Resumo: O presente artigo demonstra as mudanças nos modos de estrutura familiar e, conseqüentemente, as mudanças na relação entre pais e filhos. O objetivo é evidenciar que as relações sociais dominantes exercem uma forte determinação sobre os papéis familiares e os sentimentos que os edifica, indicando o traço social que está presente nas subjetividades, especialmente, no âmbito familiar o que caracteriza as transformações dessa instituição ao longo do tempo. Esta discussão resulta de uma pesquisa bibliográfica, com recorte para autores que estudam a família a partir de pressupostos da teoria crítica, ou seja, evidência pela história e determinações sociais as mudanças ocorridas na família.

Palavras-chaves: Família, pais e filhos, relações sociais determinantes.

INTRODUÇÃO

O presente artigo discute a nova família na dinâmica da relação entre pais e filhos, estas como resultantes das mudanças nos modos de organização e da estrutura familiar. A concepção de família contemporânea ultrapassa a idéia do modelo de família nuclear, centrada na estrutura e nos papéis sociais de pai, mãe e filhos. Objetiva-se apontar que as transformações culturais e históricas da sociedade determinam os papéis familiares, inclusive as relações intrafamiliares, contribuindo com o debate no que tange aos valores presentes nessa temática.

É registro histórico que esta forma de organização familiar, que por vezes, coloca-se como um modelo ideal e natural, existe somente a cerca de três séculos como constituinte da sociedade moderna, no processo de revolução industrial.

No pensamento de (Osório, 1996, p.57)

As reestruturações família ressuscitam a necessidade de se considerar não só as disposições formais dessas novas configurações familiares, mas,

¹ Aluna da Faculdade de Serviço Social das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente.

² Aluna da Faculdade de Serviço Social das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente.

sobretudo, seus psicodinamismos e as vicissitudes decorrentes da convivência entre membros de distintas famílias de origem.

A família nuclear burguesa como modelo forma-se a partir de pressupostos da vida privada e da reorganização dos papéis sociais da mulher e do homem na emergente classe burguesa, entretanto, no decorrer da afirmação de valores burgueses como dominantes na cultura capitalista, a família nuclear é incorporada, também, por parte da classe trabalhadora e torna-se o modelo ideal, predominante, destino de toda família na sociedade moderna. Nesta forma de organização familiar a ênfase é a valorização do sentimento de família, especialmente, entre pais e filhos, estão vivenciados de outras formas de acordo com a função social da família nas diferentes sociedades.

Assim, evidência a família aristocrática, em que, pais e mães raramente se preocupavam com filhos eram considerados pequenos animais, não objetos de amor e afeição.

E a família camponesa demonstrava no convívio familiar, que as crianças não eram centro da vida, era abandonado o dia inteiro, sofriam pouca pressão para reprimirem o prazer corporal a fim de conquistarem a aprovação dos pais. As relações entre pais e filhos não se caracterizavam por intimidade ou intensidade emocional. As sanções eram castigos físicos em vez de ameaças de retirada do amor.

Desta forma, a família burguesa adotada como norma para todas as outras estruturas familiares, devido ao capitalismo competitivo definiu a família como um lugar de relações íntimas, afetuosas e emotivas. A autoridade sobre as relações de pais e filhos estava agora ligada aos pais.

O poder dos pais sobre os filhos perdeu sua capacidade de intervir nas relações da família.

As relações na família burguesa eram rigorosa na divisão dos papéis sexuais, o marido era autoridade dominante e a mulher menos capaz, preocupava-se com o lar e seu interesse concentrava nos filhos. Um novo grau de intimidade e profundidade emocional caracterizou as relações entre pais e filhos dessa classe.

Apesar da estrutura nuclear burguesa ter se solidificado culturalmente como modelo ideal de família, a sociedade contemporânea vem construindo, a partir do século XX, novas formas de família, ou novos arranjos familiares.

Nesse cenário, a contemporaneidade, observa-se que a cultura, o processo econômico, suas instituições, modos de trabalhar, amar e viver, uma nova economia, novos conflitos políticos e além de tudo, uma modificação de consciência provocaram alterações nos papéis da família e de seus membros em geral.

Em suma, o casamento deixou de ser encarado como a modalidade exclusiva para a vida. “Os métodos de criação dos filhos tornaram-se mais complacentes, mais empáticos, permitindo que a criança se desenvolva de acordo com o seu próprio ritmo, muito mais do que a do passado” (POSTÊR, 1979, p 220).

Não se deve pensar que a família contemporânea seja padrão homogêneo, é preciso situá-la historicamente, de acordo com as mudanças no tempo e no espaço considerando fatores econômicos, sociais e culturais.

Desse modo, os valores tradicionais e os modernos passam a coexistir nossa sociedade. Através do movimento feminista as mulheres passaram a pleitear oportunidades iguais de trabalho e sua emancipação sexual. Aumenta o número de separações entre casais, mudando a concepção do casamento como laço indissolúvel. Estabelecem, assim novos re-casamentos,

em que, a convivência entre filhos e irmãos de casamentos anteriores, tornou-se harmônica. Formaram-se famílias monoparentais e de homossexuais, que dá uma nova visão de como está organizados a família nos dias atuais e seus novos papéis.

Diante disso, seriam responsáveis por tais mudanças, o desenvolvimento industrial, que trouxe uma amenização da autoridade do patriarca com ingresso da mulher no mercado de trabalho, enfim, uma alteração na divisão sexual do trabalho e o surgimento de uma nova moral sexual.

A urbanização e a emancipação da mulher havia destruído a família extensa, porém, a relação da família ao grupo nuclear mostra a família como interação de seus membros. A família mantém unida pelo poder de identificação idéias e sentimentos e pela criação de papéis sociais definidos.

A relação dentro da família teve caráter das relações fora dela, o individualismo e o interesse próprio até na relação interna.

A industrialização da produção e a burocratização do bem-estar destruíram a capacidade da família de manejar as recompensas econômicas. Os pais que tinham propriedades para deixar os filhos só conseguiam obediência recorrendo ao sentido do dever.

A racionalidade econômica havia penetrado na sociedade Moderna que invadiu a família nos modos pré-capitalistas de pensar e agir.

Esse outro modo de organização ainda é criticado socialmente, pois, comparada com o modelo dominante, acaba por culpabilizar a família, particularmente, a mãe por dificuldade e comportamento considerada inadequados por parte dos filhos, na questão das relações, julgando as relações entre pais e filhos.

O autor Osório, 1996, p.28:

As reconstruções familiares acarretam obviamente mudanças significativas no campo relacional familiar, provocando a emergência de situações sem precedentes para as quais não há experiências prévias na evolução da família que passam servir de referencia para balizar o processo de assentamento sócio-cultural dessas novas formas de convivência familiar.

O casamento no pensamento dominante deveria ser “até que a morte os separe”, todavia esse pacto vem se rompendo originando outras formas de família, inclusive, pela denuncia e não aceitação da violência entre casais. Nas novas gerações, o foco na estrutura vem cedendo lugar, ao compromisso com os vínculos afetivos. A permanência da criança na família e os laços afetivos levaram a outra mudança importante na organização familiar, ou seja, a valorização dos sentimentos de igualdade o que sinaliza o seguinte autor:

Os pais tornarem-se menos autoritários, mais abertos, mais liberais, porque os costumes evoluíram e também porque as razões de impor esta ou aquela atividade aos filhos deixaram de existir.

A contemporaneidade vem culminar um processo de socialização iniciado com a industrialização, que proletarizou-se a mão-de-obra, do mesmo modo a socialização da reprodução proletarizou a paternidade. A socialização dos filhos abandonou em larga medida a esfera doméstica.

Considera-se que os filhos, para serem bem criados precisavam não só do amor dos pais, mas também do amor entre os pais, com isso, as relações afetivas e os papéis internos da família refletem na sociedade exterior.

À medida que os filhos penetram na idade adulta ele desafia a autoridade de seus pais pelo simples processo de maturação, apesar de amá-los.

Assim, pais e filhos estão em pontos diferentes na longa curva temporal de rápida mudança social, e em diferentes pontos de seus próprios ciclos de vida; por esta razão, é inevitável que ocorra algum conflito.

Há muita tensão inerente às relações entre os dois, o fato de os papéis parentais combinarem autoridade e intimidade.

O importante é compreender que a família é uma organização dinâmica mutável ao longo dos tempos e que acaba ocupando o lugar que os padrões culturais de uma determinada sociedade lhes indicam, por fim as transformações das relações afetivas evoluíram na sua própria interação social, valorizando desta forma os papéis desempenhados com características que são específicas, a uma fusão que torna a família complexa em seu modo de compreensão como um desafio interminável.

Contudo, as relações afetivas, que evoluiu na própria interação social têm, portanto, uma determinação social de valores que vem das relações econômicas sociais e políticas e que adentram na esfera da subjetividade do homem, e especialmente das famílias.

Todas as emoções que englobam os sentimentos de família são sociais e não naturais e a convivência familiar têm por determinação social, pois é determinada pela sociedade que impõe uma ideologia burguesa.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, M.C.B. **A Família contemporânea em debate**. São Paulo: Educ, 1995.

DIAS, M.L. **Vivendo em família: relações de afeto e conflito**. São Paulo: Moderna, 1992.

POSTER, M. **Teoria crítica da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.